

O híbrido papangu, do sagrado ao profano, uma possível herança do bumba-meu-boi¹

Eliana Maria de Queiroz Ramos²

Resumo:

Neste artigo, é nosso objetivo estudar a origem do papanguⁱ de Bezerros, uma brincadeira do carnaval, cujo uso folkcomunicacional projeta o turismo cultural em Bezerros (PE). Sua origem é controversa, possivelmente sagrada, como farricocoⁱⁱ, espécie de mascarado que saía à Frente das Procissões de Cinzas, durante a Semana Santa, que teria sido proibido e retornado como brincante no carnaval. Um personagem híbrido, que teria possível origem no bumba-meu-boi e/ou laursa e dele teria se desgarrado, tal como o cavalo-marinho, como persona no carnaval.

Palavras-chave: Folkcomunicação, Cultura Popular, Carnaval.

Ao analisar a origem do papangu de Bezerros (fotos 1e 2), uma brincadeira do carnaval, cujo uso folkcomunicacional projeta o turismo cultural desta cidade, tenta-se aqui fazer uma possível articulação entre o híbrido papangu e sua provável origem no reisado, bumba-meu-boi e/ou la ursa pelas lentes da folkcomunicação, verificando as incursões do etnólogo, musicólogo e folclorista, estudioso da cultura popular e jornalista Luiz da Câmara Cascudo pelo terreno folkcomunicacional, dialogando com Luiz Beltrão, autor da teoria de Folkcomunicação.

¹ Artigo apresentado para o Prêmio Câmara Cascudo de Folkcomunicação

² Pós-graduanda em Planejamento e Gestão em Turismo Cultural da Escola Superior de Relações Públicas de Pernambuco (ESURP), e aluna especial do Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Email: eliaqueiroz@oi.com.br

Para Beltrão (2002: p.79), “folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.



Fotos 1e 2: Papangus de Bezerros em Olinda

A cidade de Bezerros, no Agreste pernambucano, microrregião do Vale do Ipojuca, tem se destacado dentro do turismo cultural, inclusive em nível nacional, como Terra dos Papangus. O papangu é uma brincadeira de carnaval, onde mascarados invadem as casas para pedir angu. A partir de 1990, através da folkcomunicação, a Folia de Papangu atraiu o interesse da mídia, que passou a divulgá-la. Por sua vez, a divulgação fez com que o Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT (1994 a 2002), começasse a incentivar a implantação de políticas públicas para desenvolvimento local do município, que atualmente vem sendo mantida pelo Programa de Regionalização do Turismo, através do Sistema de Rotas. Bezerros fica na Rota Luiz Gonzaga, que percorre o entorno da BR- 232, compreendendo municípios da Zona da Mata e do Agreste.

O município localiza-se a 107 Km do Recife, na mesorregião agreste pernambucana e microrregião do Vale do Ipojuca, limita-se ao Norte: com os municípios de Cumaru e Passira; ao Sul: com São Joaquim do Monte e Agrestina; a Leste: com Gravatá, Sairé e Camocim de São Félix; e a Oeste: com Riacho das Almas e Caruaru. O acesso é pela rodovia BR-232. A área do município é de 545,7 quilômetros quadrados. A população residente é de 57.371 habitantes, o clima é semi-árido. A área do município é de 545,7 quilômetros quadrados. Trata-se de um pólo graniteiro e tem como atividades predominantes pecuária, agricultura e comércio.

Segundo Beltrão (2002:p.223),

o carnaval e a música popular refletem vigorosamente a opinião das classes menos cultas e desfavorecidas da população.[...] A opinião do povo explode, igualmente, e com um vigor decisivo, no tríduo carnavalesco. Não

apenas nos ditos chistosos, nas fantasias, nos cartazes e estandartes de clubes, blocos, ranchos, escolas de samba e outros conjuntos momescos.[...]

A brincadeira do papangu consiste na ida dos mascarados à casa de amigos e parentes dos brincantes para chacotear os donos da casa e receber comida, moedas, bebidas alcoólicas, água ou qualquer coisa que pudessem ganhar. Já desde os primeiros anos do século passado, tanto na cidade quanto na zona rural de Bezerros.

De acordo com Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro, o termo papangu vem de uma espécie grosseira, assim apelidada, e que à espécie de farricoco (foto3) tomava parte nas extintas procissões de cinzas, caminhando a sua frente, armado de um comprido relho (chicote de couro torcido), com que ia fustigando o pessoal que impedia sua marcha. Para Cascudo (1988) apud Brayner (1997) ‘o povo chama aos três dias de folia o Tempo dos Papangus. Os papangus são os mascarados que enchem as ruas principais, embrulhados em lençóis, cobertos de dominós ou disfarçados de todas as maneiras’.



Foto 3: Farricoco simboliza a perseguição dos Romanos a Jesus

Figura temida, sobretudo pelas crianças, o papangu puxava as procissões religiosas, conforme esclarece Sette (2001):

Houve algumas procissões no Recife, desaparecidas na época moderna, que fizeram sucesso. A de Triunfo, por exemplo. Saía da ordem terceira do Carmo com imensa pompa e longo acompanhamento [...] Por seu turno, não querendo ficar por baixo da congênere e rival, a Ordem Terceira de São Francisco punha na rua a procissão de cinzas. Esta caía mais no gosto do povo por ter uns laivos carnavalescos [...] Vinha na frente um bobo, metido num camisolão de estopa, de máscara na cara, soprando uma corneta e brandindo um relho contra os moleques que lhes atiravam carços de pitombas. [...]

Mais adiante destaca:

A procissão dos Fogaréus realizava-se em época longínqua. Lúgubre e bizarra ao mesmo tempo. Representava a procura de Jesus, pelos judeus, para ser preso. Saía à noite de quinta-feira maior. [...]Pereira da Costa fala também de outra procissão exótica e remota, um quê de medieval: a de encomendação das almas.[...] Os homens trajavam mortalhas brancas,

tinham apenas os olhos e as bocas à mostra, conduziam lanternas acesas. [...] (SETTE, 2001)

Araújo (1996) apud Brayner (1997) relata que algumas das procissões de cinzas mais divertidas e burlescas, realizadas no séc.XVIII até meados do séc.XIX, traziam a popular figura do papangu, máscara representando a morte. Amaral (F. P. do. 1974: p.186), descreve assim a procissão de cinza:

Arruada a procissão, posta em ordem de marcha, aparecia de momento à frente dela um indivíduo a que chamavam – *papa-angu* – espécie de farricoco, com a diferença de que não tocava corneta, como ia armado de chicote. Esse indivíduo vestia uma túnica de pano pardo, tendo a cabeça e a cara cobertas com um outro branco, apenas com três buracos; dois na altura dos olhos e um na da boca.

Armado de comprido relho, o *farouche* apenas era lobrigado pela raia miúda recebia uma saraivada de pitombas acompanhada de uma vaia infernal aos repetidos gritos de **Papa-angu!** A missão de semelhante jirigote, como é fácil de prever era relhar a torto e a direito a humanidade molecal que ajuntava em frente da procissão. Para aquele cargo escolhia-se sempre um indivíduo musculoso, que pudesse volver-se na perseguição dos garotos com agilidade, de modo a dar completo desempenho ao seu mister. Por semelhante serviço, recebia o – Papa-angu – espórtula; mas em compensação levava tantas pitombadas na cabeça, que era o lugar de preferência escolhido pelos moleques que o pobre diabo ficava com o cérebro a arder-lhe. Após o *Papa-angu*, seguia-se *Abel e Caim, Adão e Eva*. [...]

O papangu que puxava as procissões religiosas começou a ser questionado, até que, em 1831, foi proibido, através de Posturas da Câmara Municipal do Recife: “Ficam proibidos os farricocos e papangus, figura de morte e de tirano, nas procissões que a Igreja celebra no tempo da Quaresma”. Depois desta proibição, o termo papangu passou a denominar tudo que fosse agressivo, grosseiro.

Segundo Cabral (2001), o termo farricoco remete à *cuca*, personagem do imaginário português, que:

Representa uma entidade fantástica, com que se mete medo às criancinhas: durma, meu benzinho que a *cuca* j’ei vem – diz uma cantiga de adormecer. A *cuca* paulista é em tudo semelhante ao vago papão luso-brasileiro, ao bicho e ao tutu de vários estados, ao negro velho de Minas.

Mas há ainda quem acredite numa origem negra do papangu (foto 4), pois também os cucumbis saíam mascarados. Para Araújo (1996),

havia grupos de negros que antes da década de 1840, se apresentavam mascarados nos três dias antes da quaresma: ao anoitecer, os “cucumbis”, espécie de máscara da África, dançavam e cantavam em bárbara passeata, agitando chocalhos, tocando marimbas, batendo com os punhos em rudes

zabumbas. Neste caso, deveria tratar-se de uma permissão especial concedida a determinado grupo étnico, os negros africanos. Mas em 1854, com a introdução dos bailes de máscara, à moda do Carnaval de Veneza, os negros foram proibidos de se mascararem e a elite apropriou-se do uso das máscaras.



Foto 4- Papangus durante desfile em Bezerros

De acordo com Brayner (1997),

Antônio Azevedo, antigo morador de Bezerros, atualmente falecido, contou certa vez que ouviu seu pai dizer que o papangu já existia em Bezerros desde a época da Lei do Ventre Livre, século XIX. Naquela época, os filhos de escravos se fantasiavam de papangu com o interesse de ter contato com as senhoras de escravos, encobertos pela máscara, elas podiam apertar-lhes a mão.

Tal informação, de certa forma, vem ao encontro do que diz Lopes (2004), em sua Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, no verbete Papangu: 'Tipo de mascarado, no carnaval ou nos reisados nordestinos. Em algumas partes do Brasil, dava-se o apelido de 'papa-angu' ao negro cativo porque se alimentava quase unicamente de angu e feijão'.

Com relação à alimentação do negro no Brasil, Cascudo, ao falar sobre permutas alimentares afro-brasileiras, lembra que:

O africano chegado ao Brasil já recebera um curso prévio de alimentação local desde o início do cativo, ou melhor, desde sua compra para o outro lado do Atlântico. Comera milho,[...] O milho estendeu-se por toda a África Ocidental e Oriental, com maior ou menor utilização cotidiana mas no nível do essencial ou suplementar imediato.[...] É sempre cozido, como alimento, papa, angu, pirão. [...]Luís Iglezias notou em Moçambique de 1961: "Seu alimento é, de preferência, uma espécie de angu de farinha de milho com água. Podem oferecer-lhe as mais finas iguarias. Sem aquele angu o negro não passa" .

Ainda com relação a uma possível contribuição africana à persona papangu, semelhante à cuca portuguesa, vamos encontrar no imaginário africano a figura do tutu-zambê, que para Cabral (2001)

Era uma entidade com que se metia medo às crianças quando choravam. É roncador. A forma em que o idealizam na Bahia é a de um catitu ou porco do mato. Deste primeiro nome talvez se originasse o termo Tutu[...]. O tutu do povo brasileiro é idêntico ao papão e à Coca de Portugal.

Por sua vez, de acordo com Freyre apud Teixeira (2008) também podemos encontrar a contribuição do elemento indígena:

Os índios tinham o costume de organizar danças destinadas a amedrontar os meninos e inculcar-lhes sentimentos de obediência e respeito aos mais velhos. Os personagens das danças eram figuras exóticas: papões ou figuras de outro mundo, descidas a este para devorar e arrebatam meninos maus.

Também Maciel (1996), ao estudar a máscara e confecção indígena Pankararu, divisa tal semelhança: “Vestidos com suas máscaras rituais, os Pankararus lembram, de certo modo, os farricocos das procissões da Misericórdia, ou os sambenitosⁱⁱⁱ”

Segundo Benjamin (2007),

A política de catequese da Igreja Católica – única religião permitida no período colonial – determinou um ciclo de festas que proliferou por todo o País. Nas festas da igreja, então associada ao governo colonial, era permitido relaxar as atividades de trabalho e era incentivada a participação dos escravos na criação das modalidades festivas. Estas ocasiões tornaram-se oportunidade para que aos aspectos puramente católicos fossem incorporadas manifestações das religiões africanas das etnias de onde os escravos procediam. Naturalmente, os traços culturais dos grupos mais populosos e mais bem organizados obtiveram maiores espaços e conseguiram se impor às populações de outras origens, embora também os traços culturais de outras etnias possam estar presentes.

Recife, Vitória de Santo Antão, Bezerros, Gravatá, Caruaru, Belo Jardim, Triunfo, Tacaimbó, São Caetano, Sanharó, Pesqueira, Arcoverde e Custódia formam um conjunto de cidades pernambucanas que se debruçam do litoral ao Sertão, ao longo da BR-232.

Há milhares de anos os mascarados marcam presença, sendo também chamados de caretas. O careta de Triunfo (PE) era chamado inicialmente de Correio, Lopes (2003) apud Costa (2007) alega que o brincante teve origem no reisado, quando Mateus, após ter bebido muito, foi expulso do grupo, decidindo brincar pelas ladeiras, durante o carnaval, usando máscara. A tradição é milenar, passada de pai para filho. Nas festas são travados combates, vencendo aquele que conseguir dar o estalo mais alto no ar. Nas tabuletas são colocadas

várias frases de apelo popular. Os reisados fazem parte de ciclo do Natal e são baseados nos costumes natalinos ibéricos.

Originariamente, o careta (foto 5), assim como o papangu, escondia o corpo, botava crina de cavalo, roupa velha bem rasgada. Até hoje, esconder o corpo é peculiar a estes dois brincantes, bem como comer de casa em casa. A eles são oferecidas bebidas, frutas, bem como mungunzá salgado.



Foto 5 – Careta de Triunfo

Segundo Brayner (1997):

Em entrevista ao xilógrafo J. Borges, que na época de sua adolescência morava na Zona Rural da cidade de Bezerros (sítio Piroga, localizado no atual município de Sairé), e costumava se fantasiar e brincar de papangu, recorda que saía com um grupo de amigos e parentes, em meados da década de 40 do último século. As máscaras, eles mesmos faziam, eram confeccionadas com cascas de coité (fruta parecida com jaca) ou cabaço, inclusive o coité chegava a ferir o rosto. Para encobrir os cabelos, utilizavam uma peruca feita de crina dos cavalos que existiam na redondeza. (BRAYNER 1997)

A personagem careta remonta ainda a Mateus (foto 6), do reisado, personagem que suscitava riso e galhofa. Segundo relata, esses Mateus se desvincularam do reisado e ficaram no carnaval, tomando pinga. Continuam brincantes, mas numa atitude de resistência, criam outro folguedo e passam a vivenciar a liberdade carnavalesca. Tal como o papangu, as pessoas tinham medo dos caretas.



Foto 6 Papangu lembra Mateus, o brincante ao lado (foto 7)

Mas além do reisado, o careta também está associado ao *boi*, à cantiga de ninar, que diz: boi,boi,boi, boi da cara preta, vem pegar.... que tem medo de careta.

Para Cascudo (2001),

A careta é a primeira arma defensiva infantil. Naturalmente, o homem usou-a com a finalidade de afastar o inimigo fingindo-se mais feio, mais terrível [...] A careta criou a máscara. [...]

Segundo Beltrão(2002:p.223),

o carnaval e a música popular refletem vigorosamente a opinião das classes menos cultas e desfavorecidas da população.[...] A opinião do povo explode, igualmente, e com um vigor decisivo, no tríduo carnavalesco. Não apenas nos ditos chistosos, nas fantasias, nos cartazes e estandartes de clubes, blocos, ranchos, escolas de samba e outros conjuntos momescos.[...]

O autor lembra que carnaval brasileiro pode ser olhado como um grandioso espetáculo de massa, por isso se constitui, “na mais vigorosa oportunidade de manifestação da opinião coletiva”. [...]

O pesquisador Benjamin (2004:p. 120) destaca que “o urso (foto 8) está presente na cultura brasileira, embora não haja registro de sua ocorrência na fauna silvestre[...]. Esta presença faz parte do imaginário popular de europeus aqui chegados desde os primórdios da colonização. Segundo ele, “ a presença do urso na cultura material, certamente por sua semelhança física com o homem, transcende para a cultura não-material, havendo inúmeros registros na mitologia, na literatura, nos rituais religiosos, nas representações teatrais e na dança”. (BENJAMIN, 2004: p. 122).



Foto 8 - Urso Teimoso da Torre em Olinda no carnaval 2008

Benjamin relata que no século XIX, vários imigrantes italianos vieram para o Brasil, entre eles alguns ciganos que dominavam as artes circenses. Eles saíam com seus ursos e macacos.

Essas apresentações, que se faziam de cidade em cidade, muito impressionaram o povo nordestino e popularizaram a imagem do urso, até então somente conhecida através de referências orais. Registros relativos a apresentações de folguedos populares, variantes do bumba-meu-boi, dão conta da existência de um *entremeio do urso*. Representa-se a situação do espetáculo dos ciganos italianos, onde um dos atores, utilizando uma máscara e uma vestimenta, representa o personagem ‘urso’, enquanto um outro representa o ‘italiano’ que oferece o espetáculo do urso amestrado dançando e fazendo medidas. (BENJAMIN, 2004:p.123,124)

Segundo Real (1967:122), um urso de carnaval, na sua forma mais simples, consiste de dois homens, um vestido de urso e o outro, o domador, também chamado de italiano. “Frequentemente aparece uma terceira figura, o *caçador*, um tipo de folião ou palhaço, que conduz uma velha espingarda e dá tiros cada vez que parece que o urso vai escapar”[...] Segundo a pesquisadora, pode haver também um arrecadador. O traje é um macacão, coberto de estopa, luvas de couro com garras de arame nas pontas dos dedos e na cabeça uma máscara de *papier-machê*, pintada de várias cores.

Real (1967:p.124), vê na figura dos ursos dos divertimentos dos menestréis e *jongleurs*, sempre presentes às feiras e festivais em vilas e aldeias européias, na Idade Média, o ancestral mais próximo do urso pernambucano. Para ela, entre os *jongleurs*, havia os que conduziam *ursos*, e um deles ou palhaço lutava uma *luta livre* com o urso para atrair mais espectadores.

Pereira da Costa apud Real (1967:p.126) afirma que a dança do Urso está incluída entre as “danças africanas lascivas” – e que havia um caçador de espingarda que brincava ao redor dos dançarinos e afugentava os espectadores, especialmente as moças! Também Cunha^{iv}

(1948) apud Real (1967: p. 126) fala do *urso* como influência européia “num carnaval afro-indígena”.

Apesar de o urso ter vindo da Itália, Real (1967:p.127) afirma que duas correntes se ligaram para produzir o urso atual. Os “italianos” vieram apenas reforçar uma tradição já existente, que foi *reinterpretada*. Ou seja, “no Boi-de-Mamão de Santa Catarina aparece o *urso*. Brandão^v (1961) apud Real (1967: p. 127), na sua exposição sobre o Bumba-meu-boi no Brasil inclui o urso entre os *bichos* que aparecem no *boi*, no *reisado alagoano* e no *cavalomarinho*.

Vale destacar que, por volta do ano de 1965, poucos dias antes do carnaval, a Secretaria de Segurança Pública anunciou no Recife a proibição total dos “mascarados” no Carnaval. Naquele ano, somente 18 ursos obtiveram licença para brincar.

É possível que, com a proibição, no interior do Estado, alguns mascarados tenham procurado se misturar com os brincantes licenciados.É importante destacar aqui que tanto o careta como o papangu preservam sua identidade até o fim da brincadeira..

Brayner (1997), nos relata que

Em Bezerros [...]os papangus saíam em troças pelas casas, pelo meio da rua, pedindo dinheiro, ‘no meio saía o urso vestido de samambaia, levavam sanfona, reco-reco, pandeiro, triângulo’, ainda, pela sua descrição deduz-se que o papangu fazia o papel de arrecadador, pois segundo Dedinho levava consigo (o papangu) um livro onde ‘multavam as pessoas escrevendo seus nomes no livro, era uma forma de ganhar dinheiro’.

Ainda segundo relata Cunha (1948) apud Benjamin (2004, :p. 124), há registros em 1948 da “ocorrência de um folguedo de carnaval, conhecido como *laursa* ou *urso* como ‘*uma influência européia num carnaval afro indígena*’, levantando uma hipótese de sua origem entre artífices italianos que na época colonial haviam trabalhado nos engenhos de açúcar de Pernambuco.[...]”



Foto 9 – O urso na Folia do Papangu

O que é interessante observar é que o urso do carnaval de Bezerros (foto 9), usa máscara feita de papier-marché, pintada de várias cores. Este é o mesmo material utilizado na confecção da máscara do papangu. Segundo Brayner, os ursos de Bezerros que brincam nas ruas, adentram alguma mercearia ou bodega para ganhar alguma coisa.

Andrade (2004:p.67), cita que

Faz 52 anos que J. Borges brinca o carnaval em Bezerros, começou aos oito anos e nunca mais parou. Lembra que, em 1959, o destaque maior do carnaval ainda não era o papangu, era o boi. O papangu era escasso, pouco. Tinha 4 bois que saíam nos três dias de carnaval. No domingo, na segunda e na terça-feira, acontecia a briga do boi [...] Outra lembrança era a quantidade de urso que existia em Bezerros, o macacão era uma peça inteira, toda revestida de samambaia, ou raiz de samambaia, arrancada das matas da Serra Negra. Chegava a pesar cerca de 20kg. Acompanhava o urso, a sanfona, a zabumba e o triângulo. Os bois eram também bonitos, o mais vibrante era o estrela, conhecido também como 'O Boi do Tatá'.[...] Embora menos freqüente, ainda é possível ver o boi e o urso por lá. O Boi Boiolá (foto 10), por exemplo sai no domingo de carnaval. (ANDRADE 2004:p.69,70)



Foto 10 - Boiolá de Bezerros

A historiadora Brayner destaca ainda que

O cavalo-marinho, figura extraída do folguedo do boi, tem um jeito diferente de brincar, e segundo o artista popular o bezerrense J. Borges lembra que, no ano de 1944, foi assistir a um cavalo-marinho no sítio Cruzeiro do Oeste que era bastante comum na região, antiga zona rural da cidade de Bezerros. Neste folguedo, os personagens também se mascaram, fazem parte do cavalo-marinho, dentre outros personagens o Bastião e o Mateus, que estão sempre com bexigas embaixo dos braços fazendo movimento de dança rápidos, e batendo um no outro vez em quando. Inclusive, o artista acredita que possivelmente o papangu tenha surgido como uma dissidência do cavalo-marinho. Nesse ponto concorda o também

artista popular mestre Salustiano, que fala do papangu como se ele fosse uma figura extraída do cavalo-marinho e com o tempo as variações aconteceram como é de costume quando se fala em manifestações populares.(BRAYNER, 1997)

Aliás, segundo a professora de Geografia, especialista em Ensino da Geografia e História de Pernambuco, Patrícia Brayner, ultimamente, com a notoriedade crescente do papangu (foto 11), percebe-se em Bezerros a volta do boi como brincante do carnaval (informação verbal)^{vi}. Como o cavalo-marinho é proveniente do reisado e este do bumba-meu-boi, é possível que a persona papangu tenha tido origem no bumba-meu-boi.



Foto 11 –Brincante na Folia de Papangu

Segundo Torres e Cavalcante (2007), ‘no Brasil, as tradições populares do ciclo natalino, baseadas nos costumes religiosos ibéricos, são designadas por *reisados*. Cascudo apud Torres e Cavalcante (2007) relata que:

‘[...] sem especificação maior refere-se sempre aos ranchos, ternos e grupos que festejam o Natal e Reis. O Reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo’. É necessário lembrar que, dentro do ciclo natalino, existem manifestações que, apesar de serem habitualmente chamadas de Reisados, não possuem a temática dos Reis Magos e do Menino Jesus, o que não impossibilita a participação desses grupos nas Festas de Santos Reis. Como exemplo, temos a Chegança e a Marujada (temática náutica, envolvendo a luta dos Mouros contra os Cristãos), a Taieira e o Ticumbi (temática afro-brasileira).

A partir do Natal, durante 12 dias até 6 de janeiro, o Alferes da Folia de Reis, chefe dos foliões, bate à porta das casas, de manhãzinha, seguido dos palhaços do Reisado e de seus instrumentos barulhentos. Vai despertar quem está dormindo, pedir permissão para entrar, tomar café e recolher dinheiro para a Folia de Reis, uma festa popular de origem portuguesa que ainda sobrevive em cidadezinhas brasileiras. Vai oferecer uma bandeira colorida, enfeitada com fitas e santinhos, enquanto, do lado de fora, os palhaços vão dançar ao som do violão, do pandeiro, do cavaquinho, recitando versos.

Estes grupos de Reis entram nas casas, cantam à saúde e pedem a proteção de seus moradores, desejam o melhor para todos, através de bênçãos, recebendo, em contrapartida, donativos (dinheiro, mantimentos, entre outros). Torres e Cavalcante (2007) percebem que

[...] As Festas de Santos Reis contam com grande envolvimento da comunidade. Os moradores/devotos incentivam os Grupos de Reis, ajudando como podem. Muitas famílias fazem questão de recebê-los em suas casas, oferecendo lanches para os integrantes.

Esta ida de casa em casa com oferta de lanches lembra muito a ida do papangu de Bezerros (foto 12) e do careta de Triunfo, de casa em casa, atrás de alimento.

A Festa dos Reis comemora o nascimento de Cristo. Seu enredo lembra a viagem que os três reis magos - Baltazar, Belchior e Gaspar - fizeram a Belém para encontrar o Menino Jesus. Os palhaços, vestidos a caráter e cobertos por máscaras, representam os soldados do rei Herodes, em Jerusalém. Com relação a isso, há ainda o fato curioso da figura do farricoco representar a guarda romana e os homens que abrem os rituais de execução de penitência nas Procissões de cinzas^{vii}. Símbolo da cidade de Braga, em Portugal, o farricoco simboliza o penitente, sendo uma figura emblemática das procissões e espelha um homem encapuçado representando um soldado romano em peregrinação à procura de Jesus. Nas mãos levava uma matraca ou um fogaréu.



Foto 12 – Vendedora de cordéis

O Bumba-meu-boi é uma das principais manifestações culturais brasileiras. Este auto (teatro popular) relata a história de Pai Francisco e Mãe Catirina, retirantes negros. Por influência da tradição portuguesa - as vaquejadas e as touradas -, o enredo básico se desenvolve a partir do roubo de uma novilha de predileção da fazenda, mas ganha cores locais de região para região.

A história é assim: era uma vez uma escrava grávida que estava com desejo de comer língua de boi. Seu marido não pensou duas vezes: matou uma novilha do senhor e repartiu as partes entre os outros negros. O mocotó para um, o rabo para outro e a língua, claro para a mulher!

Mas para azar dele, o animal era de estimação, o xodó do dono. O escravo fugiu. Foram atrás dele e o pobre coitado acabou no tronco, levando chibatadas!

Não foi o bastante. O dono do boi continuava tão desolado que mandaram chamar um índio feiticeiro na sua presença para que o ressuscitasse. Dito e feito: o pajé lançou algumas palavras sagradas, o animal berrou. Renasceu!

Bumba-meu-Boi-Bumbá, no Maranhão; Boi-de-Mamão, em Santa Catarina; Boi-Santo, no Ceará; esta dança - primeira manifestação teatral nacional - surgiu provavelmente no final do século XVIII e logo se espalhou. Segundo Luiz. Beltrão(p.229), o bumba-meu-boi é

o auto popular de mais ampla divulgação no Brasil, foi o instrumento de luta do escravo pela sua libertação e, ainda hoje seus personagens e seqüências encaram pessoas e refletem episódios da vida real, que o público conhece ou é capaz de identificar na roupagem fantasista ou caricatural apresentada.

Cascudo (p.437) afirma que o bumba-meu-boi,

é um auto popular formado no norte do Brasil, de Bahia para cima, pela reunião de vários reisados tradicionais, ao redor da dança do Boi, possível reminiscência das Tourinhas de Portugal.[...] Bumba é do congolês, significando pancada, golpe, batida. Bumba-meu-boi será um hibridismo, bate, meu boi! Relativamente às chifradas e arremessos.

Beltrão (2001: p. 233) relata que '[...] o bumba-meu-boi é rico em simbolismo, em sátira, em provocação ou condenação social. Por isso, o auto varia de lugar para lugar.[...] Beltrão (2002:p. 231) apud Clóvis Melo, jornalista e estudioso do nosso folclore, considera que,

no bumba-meu-boi, o povo sente 'que não está sendo apenas espectador, mas na verdade é o maior ator. O que ali se representa não é uma simples folgança, porém uma história de amores impossíveis, de tiranias mentais e sociais, de sátira à charlatanice, enfim, de irreverência e de rebeldia, tão a seu gosto' .

Beltrão lembra, citando o mesmo ensaísta, que os primeiros bumba-meu-bois (foto13) devem datar do século XVIII e que a versão pernambucana é, precisamente, do século XIX,

De um século agitado pelas grandes lutas sociais, pelos encarniçados combates entre senhores e escravos, negros e brancos, no seio da sociedade patriarcal rural e escravagista. O auto popular não podia, pois, ficar indiferente aos dramas sociais vigentes. E tornou-se, daí por diante, uma sátira ao patriarcalismo escravagista, ao fazendeiro, ao médico e ao próprio sacerdote que aos olhos da escravaria encarnavam o regime escravista. [...]. O bumba-meu-boi tinha que ceder à marca das classes dos oprimidos, os que o avocaram para dele fazer o seu próprio auto, o seu veículo de comunicação com os demais cativos da Zona Rural.

Apreciando a possível origem do bumba-meu-boi, o poeta e ensaísta pernambucano (Ascenso Ferreira), à base de pesquisas realizadas em companhia do pintor Lula Cardoso Ayres, lança a idéia de que “a história primitiva do bailado gira em torno de capitães-mores, enviados pela Corte de Portugal para tomar contas das feitorias do Brasil. Daí a figura do ‘cavalo Marinho’ , misto de cavalo e oficial da marinha, a quem todos os comparsas tratam por “Capitão”.É ele a figura central do folguedo, ouvindo as queixas que lhe são feitas, dando ordens para serem chamadas as figuras, determinando as cantigas a serem aplicadas. (BELTRÃO, 2002, p: 231, 233)

Segundo ainda Beltrão (2001:p.239), personagens e seqüências do bumba-meu-boi encarnam pessoas e refletem episódios da vida real. Às vezes, esses personagens ficam integrando o auto, são transportados para outras regiões, ‘tornando-se lendárias, irreconhecíveis na sua verdadeira significação’. [..]



Foto 13 - Bumba-meu-boi

Os principais autos populares brasileiros são o fandango ou marujada, chegança, congos ou congada, e o bumba-meu-boi, que sem dúvida é superior a qualquer outro dos autos pela variedade e atualidade. Na época da escravidão, mostrava os vaqueiros escravos vencendo pela inteligência, astúcia e cinismo.

Fandango é, entre nós, o nome que dão a um bailado, ao ar livre, sobre tablado, ao som de música alegre, festiva e apropriada, pelas festas de Natal, nos Estados do Norte da República, onde se exibem os bailaristas, representando, vestidos a caráter, uns simulacros de combates navais e episódios históricos, constituindo isso um grande divertimento público.

Segundo Cascudo (1978),

no Fandango, Ração e Vassoura, como Birico e Mateus, do “Boi Kalembe”, são os elementos humorísticos, encarregados de distrair o auditório com constantes discussões e brigas espalhafatosas, permutando injúrias, declamando versos, escorregando, caindo. Constituem a dupla da inteligência, da improvisação chistosa, desembaraçada e com prontidão verbal. [...] (CASCUDO, 1978: p.394),

As explicações eruditas não esclarecem o auto brasileiro nas suas origens remotas, viajando-se pelas doutrinas, história e etnografia. É o boeuf-gras coberto de flores, passeando Paris, um ancestral do Bumba-meu-boi, Guilherme Melo não tem dúvida em dizer que: - ‘O Bumba meu boi, por exemplo, que é de origem portuguesa, é uma variante do Monólogo do Vaqueiro, que Gil Vicente representara em 8 de junho de 1502, nos paços do Castelo de D. Maria, por ocasião do nascimento do príncipe d. João, primogênito do rei d. Manuel’ (1631). J. G. Frazer compendia muita notícia sobre a figura bovina nos cultos agrários. [...] (CASCUDO, 1978:p.438)

Cascudo (1978: p.440) afirma que não há ligação entre as representações do boi ou do touro e as cerimônias protocolares dos reis africanos. E o dá

como centro de interesse vindo das Tourinhas [...] Não há outro exemplo do boi saltando, o boi cômico e entregue ao povo, senão nas Tourinhas portuguesas. No Brasil, se a Tourinha não chegou a pular, viveu na lembrança dos minhotos e ribajetanos. O processo aquisitivo do auto, assimilando os reisados, dar-se-ia no correr dos últimos anos do século XVIII, inteiramente escuro pela ausência de pesquisas etnográficas, e as primeiras décadas do século imediato. (CASCUDO, 1978:p.441),

Cascudo destaca que os ‘reisados’ do Cavalo-Marinho, Borboleta, Maracujá, Picapau, José do Vale, Antônio Geraldo (a divisão do boi) aglutinam-se e, nalguns Estados, outros autos são atraídos, como ‘caboclinhos’, independentes em Pernambuco, Rio Grande do Norte, foram envolvidos no Bumba-meu-boi do Ceará, trechos do enredo do *boi*. “O bumba-meu-boi é trabalho mestiço, imaginação, malícia congênita do mulato. [...] O brasileiro, em alegria, sátira, sentimentalismo, piedade, justiça e arbítrio, samba e oração, está no bumba-meu-boi”. (Cascudo,1978: p. 442).

Cascudo lembra que a mais antiga menção ao bumba-meu-boi encontra-se num mal-humorado registro do padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, no Carapuceiro, janeiro de 1840, no Recife:

De quantos recreios, folganças e desenfadados populares há neste nosso Pernambuco, eu não conheço um tão tolo (foto14), tão estúpido e destituído de graça, como o aliás bem conhecido bumba-meu-boi. Em tal brinco não se encontra um enredo, nem verossimilhança, nem ligação: é um agregado de disparates. Um negro metido debaixo de uma baeta é o Boi; um capadócio, enfiado pelo fundo dum panacu velho, chama-se o Cavallo-Marinho; outro, alapardado, sob lençóis, denomina-se Burrinha; um menino com duas saias, uma da cintura para baixo, e outra da cintura para cima, terminando para a cabeça com uma urupema, é o que se chama a Caipora^{viii} (foto 15); há além disto um outro capadócio que se chama Pai Mateus. O sujeito do Cavallo-Marinho é o senhor do Boi, da Burrinha, da Caipora e do Mateus.

Todo o divertimento cifra-se em o dono de toda esta súcia fazer dançar, ao som das violas, pandeiros e de uma infernal berraria, o tal bêbado Mateus, a Burrinha, a Caipora e o Boi, que com efeito é o animal muito ligeirinho, trêfego e bailarino. Além disso o Boi morre sempre, sem quê nem para quê, e ressuscita por virtude de um clister, que o pespega Mateus[...]Até aqui não passa o tal divertimento de um brinco popular e grandemente desengraçado, mas de certos anos para cá não há bumba-meu-boi, que preste, se nele não aparece um sujeito vestido de clérigo, e algumas vezes de roquete e estola, para servir de bobo da função. Quem faz ordinariamente o papel de sacerdote bufo é um brejeirote despejado e escolhido para desempenhar a tarefa até o mais nojento ridículo; e para complemento do escárnio, esse padre ouve de confissão ao Mateus, o qual negro cativo faz cair de pernas ao ar o seu confessor, e acaba, como é natural, dando muita chicotada no sacerdote!" (GAMA 1840 apud CASCUDO, 1978,p.443)



Foto 14: Desfile dos Papangus

Foto 15: Caipora de Pesqueira(PE) em Olinda

Este roquete lembra a tabica que o papangu usava antigamente durante o carnaval conforme cita Brayner (1997). “ [...]enquanto o papangu usava a tabica, para livrar-se de possíveis pedradas a serem recebidas por crianças, ‘ o Clóvis sempre traz consigo uma bexiga de boi que utiliza generosamente em cima de crianças, bêbados, cachorro”, e ainda o relho dos caretas de Triunfo.

Cascudo lembra que Amadeu Amaral Júnior cita a presença, no bumba-meu-boi, de alma, dois caretas e um urso, entre outros. E também que Jaime Lopes Dias em ‘Festas e Divertimentos da Cidade de Lisboa,’ de 1940, cita figuras de

[...] ‘fantasmas, diabo, gigantes, bichos fabulosos da fauna ameríndia, caiporas. E o grupo sério e louvador, Damas e Galantes, nomes de figurantes na procissão portuguesa de ‘ Corpus Christi’’. O auto, nascido nas fazendas e pátios dos engenhos de açúcar, não pastoris’comportaria personagens que vivem nas vilas e cidades [...] (CASCUDO, 1978, p. 447)

Segundo Brayner (1997),

os bois e cavalos-marinhos também fizeram parte do ciclo carnavalesco em Bezerros, entretanto no carnaval bezerrense [...] apenas dois personagens dessa manifestação, o boi e a burrica, que brincam entre eles, o boi sempre tentando pegar a burrica, e a burrica provocando o boi, ao mesmo tempo que foge dele (foto 16 e 17).[...]



Foto 16: Cavalo-Marinho Estrela do Oriente, de Camutanga, e

Foto 17: boi da Cara Branca, do Jordão, durante carnaval em Olinda

Para Amorim (2008), nas primeiras festas de rua,

aos autos hieráticos ou catequéticos, organizados pelos jesuítas, com o fim de cristianizar os índios, misturaram-se às festas públicas do período colonial e do Império, aos costumes de negros, europeus e indígenas. A partir da manifestação carnavalesca do entrudo, das mascaradas e de tantos outros folguedos populares dos ciclos festivos, a nossa festa momesca se multiplicou e diversificou tanto que hoje o carnaval pernambucano oferece um dos mais ricos conjuntos de manifestações folclóricas durante os dias dedicados a Momo. Personagens, vestuário, cenários das procissões e cortejos oficiais dos tempos coloniais e do Império transferiram-se para as festividades de carnaval, como comprovam importantes pesquisadores que se debruçaram sobre temas carnavalescos de Pernambuco e trataram justamente dos primórdios do nosso ciclo carnavalesco e da relação entre a folia e as festas populares.

A careta é, popularmente, o grande recurso cômico, provocador da hilaridade. É a técnica dos Birico, Mateus e Catirina dos Bumba-meu-Boi, assim como o Velho ou o Bedegueba em certos Pastoris. Nos antigos bumba-meu-bois havia um companheiro do

vaqueiro Birico, o Lalaia, famoso pelas caretas inesgotáveis, destinadas ao público miúdo do folguedo.

Segundo Cascudo (2001), no Dicionário do folclore brasileiro, verbete bumba-meu-boi,

está uma exposição que julgo suficiente de como o auto se formou e veio vivendo, pela assimilação incessante de temas vitais de outros autos mais permeáveis, incorporando damas e galantes que bailavam nas procissões do Corpo de Deus em Portugal, fazendo surgir os vaqueiros negros, Birico ou Fidélis, e Mateus, centros de comicidade plebéia, ficando horas em cena, improvisando diálogos calorosos, monologando, dizendo disparates, sacudindo o riso do auditório, inesgotáveis da verve que o povo ama e festeja. Depois, à volta de 1910, apareceu a negra Catirina, faladeira, destabocada, respondona. [...] Quando reaparece o Cavalão-Marinho, espécie de centauro, cavalo da cintura para baixo, tratado por Capitão! e dando ordens, já se sabe que é o velho auto pernambucano, ainda autônomo, mas agregado ao bumba-meu-boi.[...]

A congada é uma manifestação cultural dedicada a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, nos dias consagrados a eles, isto é, 7 de outubro e 26 de dezembro. Tem origem no catolicismo e nas sangrentas histórias de guerra do povo africano, como a do assassinato do rei de Angola, Gola Bândi. A Congada é chamada também de Congo, Cucumbi, Terno do Congo.

A primeira notícia da realização de uma Festa da Congada no Brasil data de 1674, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife, em Pernambuco. Desde então, a festa acontece a cada ano, com algumas variações de temas de uma região para outra.

A Congada é uma procissão de escravos feiticeiros, capatazes, damas de companhia e guerreiros que levam o rei e a rainha até a Igreja, onde serão coroados. O cortejo vai parando durante o trajeto para realizar danças e exercícios de simulação de guerra ao som de tambores, pandeiros, reco-recos, chocalhos e violas. Existem três enredos básicos: a luta entre os mouros e os cristãos, em homenagem aos patronos, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito; a dramatização de uma batalha medieval na França; e a saga do rei de Angola, Gola Bândi, envenenado pela meia-irmã, a princesa Ginga Bândi, por ter-se recusado a converter-se ao cristianismo.

Vale lembrar que o município de Bezerros está ligado a uma fazenda de gado. A origem do povoado de Bezerros remonta-se ao ano de 1740 e à distribuição das terras em *sesmarias* pelo governo como recompensa aos que tomaram parte na guerra contra os holandeses (MELO e SILVA,2002). Um sr. Brayner, que vivia no Recife, teria adquirido as

terras e instalado ali uma fazenda e um curral (MELO E SILVA, 2002) e as teria desmembrado em duas e vendido a dois irmãos: Taciano e Zenóbio Torres, que as teriam revendido aos irmãos José e Francisco Bezerra.

Um dos filhos desta família teria se perdido nos matos. Então foi feita uma promessa para São José. Após a criança ter sido encontrada, ergue-se uma capela em homenagem ao Santo, que ficou como padroeiro do local, ascendido à condição de município em 1870 (SOTERO, 2001) . Em torno dela, teria se formado a cidade, que até hoje se destaca na agropecuária. Então, a figura do vaqueiro e do negro estão interligadas, bem como a forte presença da religiosidade.

Concordando com Benjamin (2004: p.139)

rituais folguedos e danças são manifestações folclóricas e, como tais, são de natureza comunitária. Em alguns casos, se constituíram pela vivência de populações de diversas origens étnicas que trouxeram as matrizes dos seus lugares de origens. Outras, foram resultado de hibridização destas heranças e da criatividade popular. Mas, um grande número – sobretudo de rituais – decorreram da folclorização de propostas paralitúrgicas da catequese católica.

O bumba-meu-boi é um auto tradicionalmente ligado ao Natal, Ano-Novo e Reis (e às vezes, São João) no carnaval Recifense. Mas sabe-se que ele é ainda um

entremeio daquele *auto mestre*, o *Reisado*, implantado no Brasil pelos padres católicos ou pelos colonizadores portugueses. E como *entremeio* desse auto muito mais amplo e complexo, era lógico que podia desligar-se da tradição maior (o *Reisado*), tornar-se *independente* e brincar *solto* não somente no Natal como também no carnaval. Ora este ponto é importante para explicar a presença de bois, burras, cavalos-marinhos, mortos carregando os vivos, ursos e várias outras figuras provenientes dos *entremeios* do *reisado*, como folguedos *separados* no carnaval do Recife.

(REAL, 1967: p.134)

Conclusão:

Portanto, em Bezerros, não é diferente. Aliás, em Triunfo (PE), há os Caretas; em Pesqueira, a caipora; em Afogados da Ingazeira (PE), os tabaqueiros – híbrido entre o careta e o papangu. Em São José do Belmonte (PE), quem abre a cavallhada são dois caretas. Com a cultura, a reinterpretação e criatividade do pernambucanos, várias misturas e cruzamentos foram feitas, dando margem a um carnaval multicultural.

Há, pois, a possibilidade de a persona híbrida papangu, proveniente da procissão de cinzas ter se mesclado com o bumba-meu-boi, originariamente um folguedo surgido a partir

do reisado natalino de influência européia, e sofrido influências de folguedos tanto das raças indígena e negra, e entre o sagrado e o profano, distinguindo-se dos demais personagens, transformando-se neste brincante atual. Sabe-se que o bumba-meu-boi é um auto que está ligado aos vaqueiros negros e que tem um lado cômico, de brincadeira, de inversão da ordem, onde o negro passa a ditar as regras.

Por sua vez, como há registros também da laursa, em Bezerros, acompanhada da figura do papangu como arrecadador, é também possível que a persona papangu tenha recebido influência daquela brincadeira em sua formação híbrida num processo de aculturação e reinterpretação das figuras populares do boi e do urso. Portanto, este artigo busca trazer a lume estas reflexões, a fim de que novos estudos folkcomunicaçãois possam ser feitos nesta área.

Notas:

ⁱ Papangu é um folião que circula pelas ruas da cidade, totalmente fantasiado, e se diverte pregando susto nas pessoas, principalmente as crianças.

ⁱⁱ N.R. encapuzado que acompanhava as procissões de penitência tocando trombeta de vez em quando.

ⁱⁱⁱ Hábito de Baeta amarela e verde, que os penitentes vestiam pela cabeça à moda de saco e trajavam nos autos-de-fé.

^{iv}. Odílio da Cunha, Ursos e Maracatus, Contraponto, Ano II, No. 7, março de 1948

^v Théo Brandão, Um auto Popular brasileiro nas Alagoas. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no. 10, Recife, 1961, pgs. 93-136. Veja especialmente pgs. 96-98

^{vi} . A informação foi prestada à autora, no carnaval de 2008, em Bezerros, durante pesquisa de campo.

Referências:

AMARAL, Amadeu. Cuca. *Jangada Brasil*. Amigo da Jangada Ano VII - Edição 70 Setembro de 2004. Disponível em <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/setembro70/im70009a.asp>> Acessado em 02.12.06

AMARAL, Francisco Pacífico do. *Escavações*. Fatos da história de Pernambuco. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974

AMORIM, Maria Alice, Festas carnavalescas. *Salto para o Futuro*. Aprender e ensinar nas festas populares. TV _Escola SEED MEC Boletim 02, Rio, abril 2007. ISSN 1518-3117. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>>. Acessado em 19.07.2008

ANDRADE, Delma Santos de. *Dinâmica Simbólica e Turismo*, Bezerros (PE). Dissertação de Mestrado em antropologia. Brasília:UnB, 2004.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife:Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

AUGUSTUNA – *Enorme Mascote – o Farricoco* ..Rua D. Pedro V, nº 88, 4710-374 Braga: Tuna Académica da Universidade do Minho ,10 de dezembro de 2005
Disponível em <<http://augustuna.blogspot.com/2005/12/enorme-mascote-o-farricoco.html>>. Acessado em 27.07.2008

BELTRÃO, Luís. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 266p.

BENJAMIN, Roberto. Festas da Afro-descendência. *Salto para o Futuro*. Aprender e ensinar nas festas populares. TV _Escola , Boletim 02, abril 2007. ISSN 1518-3117. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>. Rio, TV _Escola SEED MEC Abril 2007>.Acessado em 19.07.2008

_____. *Folkcomunicação na sociedade contemporânea*, João Pessoa: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BRAYNER, Patrícia Verônica de Azevedo. *Papangu, mascarado, bloco carnavalesco e brincadeiras*. Monografia de especialização em História de Pernambuco. Orientador Antônio Paulo Rezende Recife: UFPE, 1997

_____. *A Praça da Matriz como palco da Folia de Papangu e das manifestações populares de Bezerros*. Monografia de especialização no Ensino de Geografia. orientador Heleniza Ávila Campos. Caruaru: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Caruaru, 1999.

_____. *Alegria, cores e segredos nos papangus de Bezerros*. E ainda Os Cordéis e Xilogravuras em J. Borges. Turismo Sertanejo.
Disponível em <<http://www.turismosertanejo.com.br/index.php?target=coisa&id=69>>. Acesso em 02.12.06

BORBA Filho, Hermilo. *Bumba-meu-boi*. Estudos Avançados ISSN 0103-4014, vol.11 no.29, São Paulo: Jan./Apr. 1997, disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141997000100012&script=sci_arttext&tlng=en>. Acessado em 27.07.2008

CABRAL. Alfredo do Vale. Seres sobrenaturais: Tutu. *Jangada Brasil*, Imaginário.Achegas do Folclore do Brasil. Ano III - nº 36, Agosto 2001. Disponível em:
<<http://www.jangadabrasil.com.br/agosto36/im36080b.htm>.> Acesso em 02.12.06

CASCUDO Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: INL, 1978 (coleção Documentos Brasileiros: v. 186)

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*.10ª. ed. São Paulo:Global, 2001

_____. Folguedos do ciclo do natal. Folclore do Brasil.In: *Jangada Brasil* Imaginário. Janeiro 2001 Ano III - nº 29
Disponível em <http://jangadabrasil.com.br> . Acessado em 19.07.2008

_____. Caretas. Superstições e costumes. *Jangada Brasil*. Ano III - nº 38 Out.2001 Disponível em <<http://www.jangadabrasil.com.br/outubro38/pa38100a.htm>>. Acessado em 19.07.2008.

_____ Festas tradicionais, folguedos e bailes: Fandango, chegança e cristãos e mouros. Folclore do Brasil *Jangada Brasil* Disponível em <<http://www.jangadabrasil.com.br/dezembro16/fe16120c.htm>>. Acessado em 19.07.2008

CICLO NATALINO, *Bumba-meu-boi*. Fotos 7 e 13. Fotos coloridas no formato JPEG, dimensões 311x244. tamanho 21,9 kb
Disponível em <<http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/8b.html>>, Acessado em 27.07.2008

COSTA, Maria das Graças Vanderlei da. *Os caretas de Triunfo: a força da Brincadeira*. Dissertação do Mestrado em Antropologia. Recife, UFPE, 2007

FARRICOCO. Foto 3: *os farricocos* (homens encapuzados e vestidos com túnicas longas e coloridas) simbolizam a perseguição dos Romanos a Jesus Cristo. Foto color. de domínio público, 380 x 500 - 147k, tirada por uma DMC-FZ20, Goiás: 13 de abril de 2006, em 12:39 a.m . Disponível em: <<http://flickr.com/photos/jvc/130342965>>. Acessado em 27.07.2008.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Summus Editorial, 2004

MACIEL, Betânia. O mito do nascimento e do abandono do herói. Grupo de Trabalho: Comunicação e Psicanálise. Tema: Mito e Fé . Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação *V COMPÓS* , São Paulo, maio, 1996. Disponível em: <<http://www.webpraxis.com/bemaciel/Betania%20Maciel%20-20MITO%20E%20F%C3%89.htm>> Acessado em 20.12.2006

MELO E SILVA, Signe Dayse Castro de. *Turismo e Desenvolvimento em Bezerros – Pernambuco: a expansão da educação turística numa perspectiva de resgate da cidadania*. Dissertação de mestrado em Gestão e Política Ambiental. Recife: UFPE, 2002

MORAIS FILHO, Melo. *Festas e Tradições Populares do Brasil* Rio de Janeiro; Ediouro, 1985. N. M. especial Páscoa. Disponível em <<http://www.novomilenio.inf.br/festas/pascoa14.htm>>, acessado em 20.12.2006

QUEIROZ, Gabriel Muniz de Souza. Foto 1. *Papangus de Bezerros em Olinda*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____ Foto 2. *Papangus de Bezerros em Olinda*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____ Foto 4. *Papangus durante desfile em Bezerros*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____ Foto 5. *Careta de Triunfo*. Recife: fevereiro 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____ Foto 6. *Papangu lembra Mateus*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____ Foto 9 – *O urso na Folia do Papangu* .Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____ Foto 11 – *Brincante na Folia de Papangu*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____. Foto 12 – *Vendedora de cordéis*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____. Foto 15 *Caipora de Pesqueira(PE) em Olinda*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____. Foto 16 *Cavalo-Marinho Estrela do Oriente, de Camutanga*. Coleção Folclore Brasileiro. Vol.1 Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____. Foto 17 *Boi da Cara Branca, do Jordão, durante carnaval em Olinda*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

RAMOS, Eliana Maria de Queiroz. Foto 8 - *Urso Teimoso da Torre em Olinda no carnaval 2008*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____. Foto 10 - *Boiolá de Bezerros*. Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

_____. Foto 14: *Desfile dos Papangus* Recife: fevereiro de 2008. 1 fotografia, color., 16cm x 56 cm

REAL, Katarina. *O folclore no Carnaval do Recife*. Coleção Folclore Brasileiro. Vol.1 Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura, 1967.

SETTE, Mário. Semana Santa de Outrora. *Jangada Brasil*, Palhoça, Maxambombas e Maracatus. Ano III - nº 36, Agosto 2001. Disponível em:
<<http://www.jangadabrasil.com.br/abril20/pa20040b.htm>> Acessado em 02.02.2006

SOTERO, Macyra Régia. *O Modelo de cidades saudáveis: um estudo sobre estrutura, desempenho e viabilidade política na administração municipal de Bezerros*. Dissertação de Mestrado profissionalizante em Gestão Pública para o desenvolvimento do Nordeste. Recife: UFPE, 2001

TEIXEIRA, Antônio. Raízes culturais e religiosas da folkcomunicação no Brasil: heranças da catequese jesuítica. *Razón y Palabra*. México: Proyecto Internet del ITESM Campus Estado de México, janeiro de 2008 Disponível em:
<<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/antiores/n60/ateixeira.html>>, acessado em 15 de janeiro de 2008

TORRES, Beatriz Lúcia e CAVALCANTE, Raphael. Festa de Santos Reis. *Salto para o Futuro*. Aprender e ensinar nas festas populares. TV _Escola SEED MEC Boletim 02, abril 2007. ISSN 1518-3117. Disponível em< <http://www.tvebrasil.com.br/salto>. Rio, Abril 2007>. Acessado em 19.07.2008